

Entrevista >> POR CLÁUDIA FELIZ cfeliz@redegazeta.com.br

Mario Sergio Cortella >> FILÓSOFO E DOUTOR EM EDUCAÇÃO

“Escola cuida só de escolarização”

O professor deixa claro que criança é responsabilidade da família, e que a escola cuida apenas de parte da educação

■ Ele fala com propriedade sobre o que, unanimemente, é apontado como a forma mais eficaz de fazer um país crescer, dando à sua população melhores condições de vida: a educação. Considerado um dos grandes especialistas brasileiros no assunto, o filósofo e educador Mário Cortella será um dos palestrantes do Conhecer 2008, congresso educacional do Espírito Santo que acontece em agosto, em Aracruz. Conheça, nesta entrevista, o que ele pensa sobre cotas, escola de tempo integral, avaliação, entre outros temas.

■ Qual sua visão sobre a educação no Brasil?

Não é catastrofista, mas também não é uma visão triunfalista, de que já tenhamos superado todos os percalços que precisam ser enfrentados. Ao contrário. Temos um grande caminho a percorrer. Mas não gosto de ficar fazendo autopsia, vendo apenas causas do fracasso, quando lido com questões sociais.

■ E quais são as doenças que o país apresenta nessa área?

Temos uma série de patologias na Educação. A primeira é um descaso histórico de elites predatórias. Somos um país com 508 anos de idade, mas só em 1930 foi fundado o Ministério da Educação e Saúde. Esse descaso nos levou a não ter educação pública de qualidade.

de um curso superior boicotam a prova. Ou, então, que alunos foram preparados para o exame. Hoje existem escolas privadas que fazem cursinho para seus alunos participarem do Enem, de maneira que as faça subir no ranking. Portanto, há um artificialismo nesse campo, que precisa ser cuidado. Mas não é estranho que alunos de escolas privadas se saiam melhor.

■ Por quê?

Os exames medem um nível de acesso à informação que esses alunos têm em maior quantidade, por causa da sua camada social. É gente que viaja, que tem acesso à internet, com pais alfabetizados. Mas é preciso lembrar que uma parcela significativa dos professores da rede pública também dá aula na rede privada, e vice-versa.

■ A postura do profissional muda, de acordo com a rede onde ele atua?

Sim, mas muda o tipo de aluno, também. Eu saí de Londrina, no Paraná, onde nasci, e vim para São Paulo, onde ingressei na escola pública, em 1968, para concluir o antigo ginásio. Dois dos meus colegas sustentavam a si mesmos. Um trabalhava num bar, o outro no Correio. Tínhamos os mesmos professores, as mesmas provas e os mesmos livros. No entanto, eu sempre tirava nota mais alta do que eles. Sou um gênio? Claro que não! O



DIVULGAÇÃO

ção Física, artística, sexual, religiosa, ambiental, para o trânsito, fornecer informação sobre alimentação. Há um envolvimento restrito das famílias, supondo que basta entregar a criança na escola que ela será educada. É preciso dizer: escola cuida só de escolarização, um pedaço da educação. Criança é responsabilidade da família. É claro que há responsabilidade dos docentes, e a formação desses profissionais precisa ser aperfeiçoada. Há responsabilidade das autoridades e dos docentes. E uma só vítima: o aluno.

■ Há quem defenda a ampliação do tempo de permanência na escola, como forma de melhorar a qualidade do ensino.

Sou contra a escola de tempo integral, e a favor da educação de período integral. Sou contra criança ficar na escola o dia inteiro, tendo aula o dia todo, e a favor de ela permanecer num equipamento educacional o dia todo, sendo que metade desse dia nas atividades escolares, e o resto em outros níveis da educação: música, lazer, artes. Escola de período integral com crianças fechadas o dia inteiro? Se isso funcionasse, penitenciária seria o melhor lugar para se fazer especialização.

■ Em quanto tempo alcançaremos um padrão melhor na educação brasileira?

Acho que até 2020 vamos dar saltos significativos nessa área. O que foi inicialmente plantado, no governo FHC, vem sendo maximizado pelo atual governo. As metas levarão ao crescimento. O aumento no percentual do PIB na área educacional, uma

provocada por uma estrutura de investimento muito baixa. Só nos últimos 40 anos a escola brasileira se tornou pública - passou a ter povo dentro dela - com melhor investimento, dentro das possibilidades.

■ ■ A rede pública é a maior.

Sim, 87% das vagas no Brasil estão no ensino público. Aliás, a questão seria no país não é escola pública versus escola privada, mas escola pública versus escola ruim. E há boas e ruins em ambos os campos.

■ ■ Mas prevalece a visão de que escola boa é a privada. O que há de falho nela, que muitos não vêem?

Para existirem professores de escola pública eles precisam ser formados, e a quase totalidade desses profissionais vem do ensino privado de nível superior. A formação oferecida no curso superior privado é de tão má qualidade, que o professor da escola pública que nela foi formado também vai fazer um trabalho ruim.

■ ■ Como o senhor vê as avaliações nacionais? Quase sempre geram um ranking que evidencia a diferença entre públicas e privadas.

É preciso fazer avaliações. O Governo Fernando Henrique, nos dois mandatos, implantou esse processo, e depois o Governo Lula o aperfeiçoou. Evidentemente, uma avaliação em si não basta. É preciso cruzar os dados das avaliações, porque elas às vezes capturam momentos em que, por exemplo, alunos

“A questão seria no país não é escola pública versus escola privada, mas escola pública versus escola ruim. E há boas e ruins em ambos os campos”

po para ir à biblioteca e pesquisar. Não por acaso, as melhores notas nas avaliações são das escolas militares. Porque para elas há concurso de ingresso, portanto, um filtro.

■ ■ Assim acontece com as escolas técnicas federais?

Claro. Se você tem a elite que já foi selecionada num vestibulinho de ingresso, na hora da avaliação o resultado não vai ser diferente.

■ ■ Como o senhor vê a implantação das cotas?

Sou absolutamente favorável às cotas para afro-descendentes, por um período transitório, de no máximo, 20 anos, em que se deva trabalhar cruzando com as públicas, para que se capture dois pontos de exclusão: o mais pobre e o discriminado. O fato de uma pessoa ser afro-descendente leva mais facilmente à discriminação. As cotas existiram nos Estados Unidos por 40 anos, e tiveram resultado. É só olhar Condoleezza Rice, Obama - os familiares que os antecederam puderam ser escolarizados graças às cotas.

■ ■ Em 20 anos, o que se conseguiria?

Nesse tempo, uma geração completa pode passar por um processo que sem a ajuda das cotas não passaria. As universidades do Rio de Janeiro e de Campinas, que usam cotas, fizeram pesquisas que mostraram que alunos cotistas têm desempenho melhor do que não-cotistas, porque sabem que precisam se esforçar mais. A cota é emergencial. Alguém defende a não-existência de UTI em hospital? Quem precisa mais, deve receber um maior atendimento.

■ ■ No Brasil, o que move as escolas e muitas famílias é o vestibular. Como o senhor vê esse tipo de seleção?

O vestibular só existe porque há menos vagas do que candidatos. Nos Estados Unidos, em vários países da Europa, não há. As pessoas são selecionadas por entrevista, por desempenho no

ANEXCUSA. Cortella é favorável às cotas para alunos afro-descendentes e pobres

Trajetória profissional

■ **Mario Sergio Cortella é filósofo, com cursos de mestrado e doutorado em Educação pela PUC de São Paulo, onde atua como professor há 32 anos. Dá aulas no Departamento de Teologia e Ciências da Religião e no Programa de Pós-Graduação em Educação da instituição. Também integra o Conselho Consultivo da Educação**

ensino médio, por recomendação. Mas, em vez de se discutir o tamanho da porteira, deve-se discutir a reforma agrária da universidade pública. A PUC de São Paulo e a Unicamp fizeram uma pesquisa e constataram que as melhores notas durante o curso não são as melhores notas do vestibular. Quem tem melhor nota ao longo do curso é quem obteve melhor nota na Prova de Redação. E é bom lembrar que, hoje, graduação não corresponde mais à carreira.

■ ■ A preocupação é com a formação para o mercado.

E ele está mais fluido, mais plurifacetado do que era em outros tempos. A graduação não pode ser uma barreira, e sim uma fronteira de conhecimentos.

■ ■ Houve um incentivo a abertura de cursos superiores no país, mais investimento na universalização do ensino fundamental...

Houve uma expansão acelerada do ensino superior, mas hoje ele ainda é muito restrito, em relação ao conjunto da população brasileira. Chega a quatro milhões de alunos, enquanto no ensino fundamental são 40 milhões. O que tivemos foi uma democratização do acesso, sem

Básica da Capes. Entre 1991 e 1992 foi secretário municipal de Educação de São Paulo. É autor, entre outros livros, de “A Escola e o Conhecimento: Fundamentos Epistemológicos e Políticos”; “Nos Labirintos da Moral, com Yves de La Taille”; “Não Espere pelo Epitáfio, Provocações Filosóficas”; e “Não Nasceremos Prontos!”.

democratização da permanência. A “mortalidade estudantil precoce” ainda é muito alta no Brasil. Hoje, o Bolsa-Família ajuda a diminuir esse índice, mas é necessária também a aplicação de outras sistemáticas de manutenção da inclusão. Nós já caminhamos para a obrigatoriedade constitucional, que é a democratização universal das crianças no ensino fundamental de 7 a 14 anos, agora, as estruturas de manutenção dos jovens na escola, de aprofundamento da educação infantil e de ensino médio se colocam como algo absolutamente urgente.

■ ■ O ensino médio é um dos nossos problemas.

Sim, mas teve um aumento estúpido nos últimos dez anos, quando havia uma média de 2,5 milhões de alunos - hoje são

Participe

■ **CONGRESSO CONHECER 2008:** Nos dias 29, 30 e 31 de agosto

LOCAL: SESC PONTA FORMOSA, EM ARACRUZ

INSCRIÇÃO EM JULHO: R\$ 210

INSCRIÇÃO EM AGOSTO: R\$ 220

INFORMAÇÕES: (27) 3183-6500, 3183-6505 E 9901-0145

quase 9 milhões. O crescimento também se deu porque várias áreas da educação pública criaram mecanismos de avanço continuado, o que fez com que muita gente concluísse o ensino fundamental. Mas a educação infantil ainda é uma urgência muito grande, porque atinge a população mais pobre.

■ ■ Uma pesquisa recente mostrou que professores apontam a família como uma das responsáveis pelas dificuldades de aprendizagem dos alunos, eximindo-se, em parte, da responsabilidade.

É preciso parar com a idéia de que educação é crime perfeito, que só tem vítima, não tem autor. As famílias têm seu pedaço. Hoje a escola tem que oferecer educa-

Programação

■ ■ DIA 29 DE AGOSTO

■ **19h30.** Espetáculo de Abertura: Tema: "O menino que queria salvar o mundo" - Grupo de Teatro Campanelli

■ **20h30.** Palestra de Abertura, com Marcos Meier (PR). Tema: Valores: formando cidadãos para além da escola da família

■ ■ 30 DE AGOSTO

■ **8h30.** Palestra com Rosita Edler (RJ). Tema: "A ecologia como inspiradora do desenvolvimento do currículo por projetos de trabalho"

■ **10h30.** Palestra com Gaudêncio Frigotto (RJ). Tema: "A escola básica e a formação de sujeitos conscientes e ativos face à destruição de direitos e as bases da vida"

■ **14h00.** Paulo Célio Figueiredo (MG). Tema: "A sustentabilidade do meio

Agora o MEC está criando uma bolsa docente para a educação continuada, estabelecendo um piso nacional salarial, por volta de R\$ 950. São coisas que vão na direção da melhoria. Tem uma frase que gosto muito, de São Breda. Ela diz: "Há três caminhos para o fracasso: o primeiro é não ensinar o que se sabe, o segundo é não praticar o que se ensina, e o terceiro é não perguntar o que se ignora". No que se refere à educação brasileira, há três caminhos para o sucesso: ensinar o que se sabe, praticar o que se ensina e perguntar o que se ignora.

■ ■ LEIA NA WEB

A entrevista, na íntegra, com Mário Cortella, no site www.gazetaonline.com.br/agazeta

ambiente como responsabilidade social"

■ **16h00.** Palestra com Mário Sérgio Cortella (SP). Tema: Responsabilidade Social é coisa séria!

■ **23h.** Show com Paulo Ricardo

■ ■ 31 DE AGOSTO

■ **8h30.** Palestra com Guiomar Namo de Mello (SP). Tema: Cidadania: É possível ensiná-la na Educação Básica?

■ **10h30.** Palestra com Martha Tristão (ES). Tema: Educação Ambiental para reencantar o cotidiano das escolas

■ **13h30.** Palestra com Ana Beatriz Barbosa e Silva (RJ). Tema: Inteligência e Criatividade: novas formas de avaliação escolar

■ **15h15.** Palestra com Daniel Godri (PR). Tema: Colaboradores brilhantes, líderes fascinantes